



Para manter a queda nos indicadores de segurança pública, como o número de homicídios, o governo do Estado tem apelado até para recursos do Detran

DESENVOLVIMENTO. Áreas de histórico crítico podem ser prejudicadas

Crise econômica ameaça indicadores sociais de AL

Com escassez de repasses federais, Estado se aperta para manter ações

LUCIANA BUARQUE
REPÓRTER

Ao entregar equipamentos para as forças de segurança, há duas semanas, o governador Renan Filho (PMDB) afirmou que Alagoas, mesmo com dificuldades financeiras, abandonou as velhas práticas e não fica mais esperando que o vizinho venha ajudar a consertar o banheiro quebrado de casa. Ela se esforça, junta o pouco "dinheirinho" que tem e faz as obras necessárias com as próprias mãos. Com a metáfora, onde o "vizinho" seria o governo federal, Renan Filho quis deixar claro que o Estado tem assumido a responsabilidade por setores básicos, como segurança e saúde, sem esperar pela ajuda de Brasília. As saídas internas encontradas pelo governo para realizar investimentos e tentar melhorar os baixos indicadores ainda ostentados por Alagoas parecem interessantes; no entanto, não se sabe até quando elas serão suficientes para segurar o peso da maior crise econômica do País nas últimas duas décadas.

Essa é uma das preocupações de especialistas, que estão atentos aos movimentos econômicos e políticos e suas implicações para a população. A cientista política Luciana Santana, professora da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), alerta para a dificuldade de manter os indicadores sociais em um patamar razoável caso a crise se estenda por um longo período.

"Em um tempo curto, tentam-se outras saídas, usa-se os recursos do próprio Estado e também se criam soluções 'domésticas' - você tentar enxugar um pouco a máquina administrativa, reduzir os custos... Agora a gente tem que ver quanto tempo vai durar essa crise, porque a depender do tempo, aí, sim, esses indicadores passam a ser afetados de forma bastante grave", avalia.

Por enquanto, as alternativas encontradas pelo governo local podem amortizar os impactos da crise, na opinião da especialista: "Acho que tem um prejuízo, sim, mas Alagoas, até por ter um gover-

Impacto

Por enquanto, as alternativas encontradas pelo governo local podem amortizar os impactos da crise

nador que é da base aliada do governo federal, tem como pensar em alternativas para minimizar esses riscos. Então eu acredito que o impacto não seja tão oneroso para o Estado, se a gente pensar no 'hoje'", avalia. "Mas com uma crise de longo prazo, fica difícil manter os indicadores em várias áreas. Além do desemprego, atinge-se a segurança, educação, saúde e a própria infraestrutura", complementa.

Hoje, para combater os altos índices de violência, o governo tenta melhorar a estrutura da segurança pública através de termos de cooperação e investimentos próprios, inclusive realocando recursos de outros órgãos, como é o caso da destinação do superavit do Departamento Estadual de Trânsito (Detran) para a área. Na saúde, a busca por mais verbas chegará até o Fundo Estadual de Combate e Erradicação da Pobreza (Fecoep), que antes não cobria projetos do setor. As alternativas visam driblar as quedas de receitas de transferências constitucionais, como é o caso dos repasses do Fundo de Participação dos Estados (FPE).

"Como o governador falou, estamos buscando soluções internas para que a gente não venha a afetar alguns serviços e políticas públicas e prejudicar mais ainda nossos índices sociais. Estamos buscando realizar as coisas com o que nós temos, para que os índices se mantenham ou melhorem", afirma o secretário-chefe do Gabinete Civil, Fábio Farias, que não nega as dificuldades decorrentes da escassez de verbas federais.

"Com toda essa crise que o Brasil está vivendo, consequentemente nós trabalhamos com mais dificuldade. Mas, mesmo assim, estamos aqui fazendo o dever de casa. Desde o início do governo cortamos gastos, reduzimos despesas de custeio e as secretarias estão se adaptando ao novo modelo de gestão financeira do Estado".

Fábio Farias ainda diz que esse esforço para enxugar custos e "fazer bom uso dos poucos recursos próprios", como costuma destacar o governador, não é o único responsável por manter os serviços funcionando na temporada nacional das vacas magras. A mudança de postura na gestão estadual também seria um aliado

forte na hora de tentar melhorar os indicadores ou, pelo menos, evitar que eles piorem. "Não é só dinheiro. A mudança de postura e de gestão é fundamental para que, mesmo com poucos recursos, nós possamos atender à população. E isso influi nos índices sociais, a população fica melhor atendida. Um exemplo é a segurança pública, onde fizemos investimentos, mas há uma mudança de postura. As polícias e os órgãos de segurança estão envolvidos, motivados, unidos no trabalho. O governador também está envolvido diariamente, acompanhando a estatísticas de crimes, as ações da secretaria", declara.

Questionado sobre a capacidade do governo estadual de segurar a situação social no patamar em que se encontra, sem mais prejuízos, caso a crise perdure por mais tempo, Luciana Santana preferiu não fazer previsões negativas. "Olhe, eu sou otimista. Acredito que essa crise seja curta. Vamos torcer para que seja. O governo federal, através do ministro [da Fazenda, Joaquim] Levy, está tomando algumas medidas e nós temos que criar um clima político favorável no País para que isso reflita no clima econômico", declarou.

TEMORES

Entre os cientistas e analistas políticos, as preocupações com a crise política e econômica passam pela segurança das instituições democráticas. "O Brasil tem pouquíssimo tempo de democracia. Então a preocupação dos cientistas políticos é: em que medida a crise pode afetar o funcionamento das instituições políticas e a governabilidade nesse País? Porque a gente tem experiências em países da América Latina onde crises culminaram com problema institucional sério, e aí afetou gravemente a população e os indicadores em todos os sentidos", questiona Luciana Santana.

"Então os cientistas políticos têm focado em pensar em que medida essa crise pode ser minimizada ou solucionada sem que os danos para a população sejam grandes. É um momento de tentar pensar em diagnósticos mais animadores dentro dessa crise que é uma das maiores desses mais de 20 anos de democracia", finaliza. ●



LUCIANA SANTANA
PROFESSORA DA UFAL

"Com uma crise de longo prazo, fica difícil manter os indicadores em várias áreas. Além do desemprego, atinge-se a segurança, educação, saúde e a própria infraestrutura"